



AMAMOS VERDADEIRAMENTE A NATUREZA? Um Diálogo com Jiddu Krishnamurti¹

Zélia M. Bora²

It is only man that brings disorder to the universe. He is ruthless and extremely violent. Wherever he is he brings misery and confusion in himself and in the world about him.

Jiddu Khrisnamurti

Resumo

Um dos vários temas debatidos pelo filósofo indiano Jiddu Khrisnamurti, nos anos 70, foi a relação entre ser o humano e a Natureza. Esse tema se encontra inserido no grande projeto de escrita que representa sua obra subentendido nas perguntas: ‘O que é o ser humano?’ ‘É possível definir-se o caráter humano apesar das diferenças socioculturais que separam os indivíduos?’ Khrisnamurti acredita que sim. Como um profundo observador da sociedade humana, ele atravessou momentos históricos importantes do século XX. Somou-se à sua perspectiva um profundo conhecimento sobre o Ocidente e o Oriente. Desse conhecimento emerge o apelo por uma revolução individual capaz de mudar a nossa relação não só com a sociedade em que vivemos mas com a Natureza. Na presente discussão retomo alguns aspectos importantes enfatizados pelo filósofo, com base nos quais eu narro minha própria experiência e vivência em favor da libertação animal.

Palavras-chave: Khrisnamurti. Animal liberation. Society.

Abstract

One of the various themes debated by the Indian philosopher Jiddu Khrisnamurti, in the 1970s, was the relationship between human beings and Nature. This theme is inserted in the great writing project that represents his work, implied in the questions: 'What is the human being?' 'Is it possible to define the human character despite the sociocultural differences that separate individuals?' Khrisnamurti believes so. As a profound observer of human society, he

¹ A primeira versão deste texto foi em inglês e apresentada pela autora como palestrante convidada no Colóquio Internacional L'Amour des Animaux/ Animal Love entre os dias 20 a 23 de março de 2019, no auditório do Hôtel d'Assézat, Toulouse, França.

² Doutora em Estudos Portugueses e Brasileiros. Membro do Corpo Editorial da Lexington Books para série Ecocrítica Teórica e Prática

experienced important historical moments of the 20th century. Added to his perspective is a deep knowledge of both the West and the East. From this knowledge emerges the call for an individual revolution capable of changing our relationship not only with the society we live in but with Nature. In the present discussion I emphasize some important aspects related to Khrisnamurti 's perspective based on which I narrate my own experience in favor of animal liberation.

Keywords: Khrisnamurti, Animal liberation. Society.

São inúmeros os discursos contemporâneos que destacam a preocupação com a Natureza. No entanto, narrar a Natureza levando-se em consideração sua subjetividade pressupõe pensar na questão do ponto de vista ético. Sob essa perspectiva, a relação entre humanos e não humanos formaliza-se em condições que envolvem interesses diametralmente opostos. Não vou detalhar aqui a história desigual e perversa escrita pelos humanos, cujo epílogo resultou na trágica história das relações entre humanos e não humanos que vivemos hoje. Essa condição patética foi endossada ao longo da experiência humana mediada tanto pela filosofia quanto pelas religiões abramânicas, que priorizaram a supremacia humana sobre os demais seres da Natureza. A alegoria bíblica sobre a queda do ser humano, encenada em várias tradições culturais é, a meu ver, a representação da quebra do pacto existencial entre humanos e a Natureza. Hoje, alguns de nós, mais do que outros, vivemos dilemas profundos que nos impedem de compreender plenamente sobre o verdadeiro significado de nossa relação com a Natureza, aspecto que eu gostaria de destacar nessa conferência. Como objeto principal de nossa reflexão, levarei em consideração, basicamente, algumas reflexões do educador hindu Jiddu Khrisnamurti (1895-1996). Suas observações também me ajudarão a avaliar minha própria experiência como ativista da causa animal. Para mim, poucos filósofos, poetas, artistas e educadores conseguiram definir, com simplicidade e, ao mesmo tempo, com profunda veemência e verdade, o que realmente significa amar a Natureza como Krishnamurti. Em 1948, logo após eventos importantes, como o fim da Segunda Guerra Mundial e a independência da Índia, Krishnamurti estava em Poona, na Índia, onde fez algumas de suas primeiras observações sobre o relacionamento entre humanos e não humanos. Para desenvolver suas premissas básicas, ele introduziu esta questão: O que significa ter um relacionamento correto com a Natureza? Já em abril de 1975, enquanto olhava para o mar de uma casa de Malibu onde foi hóspede, escreveu:

É apenas o homem que traz desordem ao universo. Ele é implacável e extremamente violento. Onde quer que ele esteja, ele traz miséria e confusão para si mesmo e para o mundo ao seu redor. Ele devasta e destrói e não tem compaixão. Em si mesmo não há ordem, e assim, o que ele toca torna-se sujo e caótico. Sua política tornou-se um refinado gangsterismo de poder e engano, pessoal ou nacional, *que levou ao conflito* grupo contra grupo (acréscimo nosso). Sua perspectiva econômica é restrita e, portanto, não universal. Sua sociedade é imoral, em liberdade sob a tirania (On Nature and the Environment 2013 13)³.

Ainda no mesmo texto, ele questiona:

Por que o ser humano se tornou assim - cruel, irresponsável e tão egocêntrico? Existem centenas de explicações sobre os fatos e muitos deles explicam, sutilmente, por meio de palavras que nascem do conhecimento de muitos livros, entre eles, os relacionados a experimentos com animais. *Ao observar o fato* (acréscimo nosso), somos surpreendidos por uma rede de tristeza, ambição, orgulho e agonia (13).

Ao pensarmos sobre a profundidade que estes termos encerram, podemos entender a indagação que segue por parte do mestre aberta as nossas próprias conclusões: “Por que o ser humano está procurando por causas externas, que transforme o ser interior” (13)⁴? Daí vem à nossa mente que, talvez, Khrisnamurti recorra sem mencionar a máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo”, como um apelo simbólico sobre a necessidade de se recuperar essa humanidade extraviada.

Ao utilizar termos como ‘cruel’ e ‘irresponsável’, Krishnamurti demarca esses termos quase como formas contínuas que acenturam séculos após séculos a exploração da humanidade sobre os não humanos. Sob a égide da modernidade, fatores como a ciência e a tecnologia aceleraram a comodificação e a objetificação da Natureza.

3 It is only man that brings disorder to the universe. He is ruthless and extremely violent. Wherever he is he brings misery and confusion in himself and in the world about him. He lays waste and destroys, and he has no compassion. In himself there is no order, and so, what he touches becomes soiled and chaotic. His politics have become a refined gangsterism of power, deceit, personal or national, group against group. His economy is restricted and so not universal. His society is immoral, in freedom and under tyranny (*On Nature and the Environment* 2013 13).

⁴ Why has he (human being) become like this -cruel, irresponsible, and so utterly self-centered? Why there? There are hundred explanations and those who explain, subtly with words that are born out of knowledge of many books and experiments on animals, we are caught in the net of human sorrow, ambition, pride and agony. The description is not the described, the word is not the thing. It is because he is looking for outward causes, the environment conditioning man, hoping the outer change transform the inner man (13)

Os termos ‘cruel’ e ‘irresponsável’ ainda soam para Khrisnamurti como uma espécie de marca de um caráter que abduziu a subjetividade dos demais animais e a existência da Natureza orgânica. Prosseguindo com as suas contundentes observações, Krishnamurti não escamoteia a linguagem para esconder a verdade ou para disfarçar seu propósito. Portanto, não é difícil entender o que ele realmente diz. Para ele, amor, nesse caso, é apenas uma palavra vazia sem significado. Ele entende que amamos a Natureza apenas por razões “utilitárias”. “Apreciamos a Natureza porque ela nos dá abrigo e roupas. E, finalmente, porque a Natureza representa um ‘lugar’ que nos ajuda a ‘fugir’ de nós mesmos” (13).⁵

Krishnamurti entende que o problema do egoísmo humano vai de encontro aos valores que sublinham os conceitos de Ahimsa do Hinduísmo (não violência) e a concepção budista de Karita (compaixão). Ambos os conceitos tornaram-se parte integrante do compromisso de vida de Krishnamurti e a transmissão de um conhecimento relacionado a esses princípios éticos que se tornaram a base de sua formação ética e moral.

Em geral, o dicionário ibero-americano define o termo amor como um atributo que normalmente caracteriza a relação entre os seres humanos. Amar uma pessoa significa proteger e beneficiar o ente querido. No entanto, amar a Natureza é definido pela palavra “entusiasmo” e está associada ao amor por um objeto não humano. Portanto, o sentimento de amar uma pessoa não é o mesmo que o amor pela Natureza, segundo os dicionários ibéricos. Nesse caso, a palavra amor é um sentimento que varia de objeto para objeto. Eu diria que o termo amor em relação à Natureza foi extirpado, diferenciando do amor a uma pessoa. A mesma alusão está presente no Cambridge Dictionary. Amamos uma pessoa, mas temos entusiasmo/ou gostamos da Natureza. Assim, amar a Natureza, segundo os dicionários, não é o mesmo que amar uma pessoa. Tal ideia pressupõe um distanciamento emocional, bem como diferentes níveis de amor entre humanos e não humanos. Nosso amor pela Natureza se traduz em um entusiasmo que a coloca como um objeto, e não, um ser vivo, com subjetividade e identidade. Hoje em dia, em ‘tempos líquidos’, para usar uma expressão de Zygmunt Bauman, “onde nada é para durar”, o amor pela Natureza está sob a mesma liquidez que afeta as relações humanas, portanto esse sentimento gera a sensação de um vazio emocional em escala global.

⁵ We love it, because nature provides us shelter and clothes. And finally, because Nature represents a ‘place’ to ‘run away’ from ourselves’ (13).

Sabemos, por exemplo, em escala geométrica, quantas pessoas nascem e morrem todos os dias. Porém, o mesmo não é preciso em relação aos não humanos, pois as baixas não humanas não são uma prioridade humana. Esse é um pequeno exemplo da atual condição patética que define nossa relação com a Natureza. Muitas vezes, refutamos todas as grandes responsabilidades impostas à Natureza e sempre atribuímos a outros seres humanos a culpa pela morte dela. Esse Outro distante é comumente visto de longe, no conforto de nossas casas de praia ou sob o abrigo de nossos refúgios nas montanhas. O que realmente significa nosso amor pela Natureza? Ao aceitar o argumento básico de Krishnamurti sobre a falta de compaixão do ser humano, eu diria que os humanos se tornaram cínicos e desonestos ao alimentar nossa incapacidade histórica de superar a exploração da Natureza inserida em nossa crueldade latente ou não. Gostaria de expandir suas premissas básicas para definir minha modesta experiência como “protetora” e “resgatadora” de animais errantes urbanos, como uma anônima ativista e defensora dos direitos dos animais em minha cidade natal (João Pessoa). Dedico-me a essa tarefa solitária há pelo menos 23 anos, mas só tarde percebi que minha tarefa tornou-se uma pequena gota de água em um oceano fenomenal de indiferença e crueldade da maioria dos humanos e apenas benéfico para alguns animais que tiveram a sorte de ser resgatados ainda pequenos e, hoje, como eu, aproximam-se da velhice tranquila em minha casa enquanto se preparam para a partida.

Krishnamurti sempre se definiu como um educador. Embora tenha se mantido distante das tensões e da mesquinhez da vida acadêmica, sabe-se que a tarefa de educar vai muito mais além dos limites das escolas e das universidades. Seguindo seu exemplo, mas ao contrário dele, identifico minha experiência atrelada a conceitualizações em grande parte acadêmicas. Desse modo, tenho mantido viva a tarefa de educadora em minha memória e em minhas ações, embora não tenha a certeza de o quão significativo tem sido meu esforço para inspirar alguém a proteger a Natureza. Recorrendo a algumas pistas que ficam nas entrelinhas da metodologia de Krishnamurti e experimentando a verdade dos fatos postos por ele diante de minha própria experiência, entendo que, no mundo antiético em que vivemos, os educadores devem continuar denunciando essa relação desigual entre humanos e não humanos como uma relação vergonhosa (estou aqui narrando da perspectiva não humana).

Essa relação vem se arrastando por toda a história humana, devido à falta de empoderamento das vítimas não humanas que, silenciosamente, sucumbem a cada minuto provocadas pelos genocídios de animais e pela devastação de biomas inteiros do planeta terra.

De muitas maneiras, a chamada consciência ecológica em defesa da Natureza sempre fez parte da vida humana, porém, pouco se tem enfatizado sobre o verdadeiro significado do termo ecologista e o papel dos chamados defensores da Natureza e dos animais que dizem amar a Natureza. Nós realmente amamos a Natureza? Se assim o for, o que significa o amor pela Natureza? E exatamente, como podemos definir esse amor nas ações públicas e políticas? Pode ser determinado pela conduta individual ou coletiva ou pela vontade política dos nossos líderes? As canções, as poesias e outras formas de arte, em geral, podem definir o que nosso amor pela Natureza realmente significa?

Como pessoa ainda em processo de aprendizagem poética, confesso que ainda não consegui expressar em palavras o que realmente significa o amor entre o ser humano e a Natureza. Até hoje, nunca encontrei uma resposta satisfatória para a pergunta “Amamos verdadeiramente a Natureza?”. Neste momento, só posso defini-la, como sugere o sábio, como um relacionamento vergonhoso. Não apenas vergonhoso, mas cruel e abjeto. Se você acha que minha definição é chocante e um exagero ou mesmo um jogo retórico de minha parte, eu pergunto: Como o utilitarismo predatório emerge como uma característica constante e desigual na relação entre humanos e não humanos? Entendo que essa ligação sinistra, alimentada em nome da civilização, atingiu um estágio insuportável para os mais sensíveis. Essa condição diária de sofrimento à qual seres inocentes são submetidos leva muitos humanos a uma angústia incomensurável diante de circunstâncias impostas por indivíduos, sistemas sociais e ideologias religiosas. Tudo se resume para o não humano como uma cadeia interminável de sofrimentos deliberados impostos pelos humanos. Posso imaginar que isso realmente perturbe algumas pessoas espalhadas pela face da terra e algumas presentes neste auditório. No entanto, grande parte da humanidade permanece cega - para não dizer indiferente - à verdadeira extensão do mal causado à Natureza e aos seus seres não humanos. Ao causar mal à Natureza não humana, o ser humano desencadeia para si mesmo reações inesperadas, desde a violência infinda de uns contra os outros até como se observa sob os efeitos do aquecimento global, como uma reação natural dos deuses imparciais e justos, representados pelas diversas formas da Natureza. Considerando todas essas conjunturas, pode-se dizer que o conceito de amor à Natureza soa como uma invenção fora do real, criada e adaptada às necessidades humanas.

Por essas razões, acredito que não amamos verdadeiramente a Natureza, porque essa escolha põe em questão nossa própria conduta individual diária em relação aos não humanos.

Acostumamo-nos com essa vida de entorpecimento e de apatia diária ao sofrimento animal e disseminamos essa condição em nossa casa, para nossos filhos, amigos e outras pessoas que fazem parte de nossa vida social com a pretensa ideia de que somos superiores aos não humanos e controlamos todas as suas vidas. Juntos, compartilhamos e endossamos essa atitude nas entidades sociais das quais fazemos parte, incluindo sindicatos e entidades religiosas e filantrópicas.

Essas atitudes de apatia, conformidade e indiferença são, o tempo todo, reiteradas por meio de imagens visuais, frases interrompidas ou inacabadas ou comentários sem importância. Quando ouvimos de pessoas próximas afirmações como “Não faço mal a nenhum animal, mas prefiro contribuir financeiramente para entidades filantrópicas que cuidam de crianças abandonadas ou de pessoas com câncer”; Vou à igreja e sou contra os maus-tratos contra animais”, imagino que estamos muito longe de um acordo comum sobre o que significa respeito à Natureza como a nós mesmos. Como tenho observado por anos a fio, essas pessoas são as mesmas que ironicamente endossam o extermínio de árvores em suas calçadas, pois suas raízes dificultam a movimentação humana. Outras brigam com seus vizinhos porque o vento leva as folhas de suas árvores para seus quintais ou, ainda, porque uma árvore de um vizinho caiu em nossa propriedade. Em um dia de fúria, essas mesmas pessoas percebem que as raízes das árvores centenárias em frente a sua casa ou de seu vizinho tornou-se um perigo para os transeuntes ou simplesmente suas folhas davam muito trabalho para serem varridas. Nesse dia trágico, chegamos em casa e percebemos que a bela vida que foi o lar de alguns pássaros se foi, com autorização ou não da prefeitura. Desse modo, o autoritarismo, o especifismo e o utilitarismo humanos venceram como sempre.

Outro dia, indignada por quase me transformar em uma testemunha passiva, ao ver uma árvore quase ser destruída, interpelei a vizinha ao perceber sua crescente vontade de ver a árvore no chão por ser um perigo para os humanos. Olhando em seus olhos, indaguei:

- Senhora, quem é mais perigoso para um ser humano: outro humano ou uma árvore? Ela sorriu um sorriso amarelo, enquanto meu marido tentava encerrar a conversa, sentindo meu tom belicoso e passional quando entro em uma discussão dessa Natureza. Para minha tranquilidade momentânea, consegui desarmar a utilitarista que, naquele momento, perdeu a vontade de reunir apoiadores para o seu criminoso intento.

Todos os dias, milhares de pessoas como eu se tornam *non-gratas* em suas comunidades e em seus ambientes de trabalho. Fazem inimigos entre amigos, por se

indignarem com o abuso naturalizado sofrido pelas árvores e pelos animais. No entanto, minha atitude, como a de muitos, é insignificante quando pensamos no resultado global do utilitarismo que, todos os dias, assassina quilômetros e quilômetros de florestas e seus moradores diariamente, como é o caso da floresta amazônica. Para mim, o utilitarismo internalizado, aliado ao econômico é, sem dúvida, um dos maiores entraves para a defesa da Natureza não humana e uma empecilho para a disseminação da compaixão entre os humanos e entre eles e a Natureza. Somos todos utilitaristas naturalizados. Alguns gratificam seus animais de estimação enquanto se entregam a shows deploráveis, como vaquejadas e touradas. Essas mesmas pessoas comem carne sem remorso ou vergonha todos os dias. Essa vergonhosa conduta é semelhante, quando inúmeros humanos roem os frágeis ossos de uma ave escravizada que viveu em condições precárias e passou por um sofrimento terrível para nos servir como alimento. Imagino que, pelo menos nós, que nos consideramos defensores da Natureza, não devemos viver essa hipocrisia nem exaltar o talento intelectual daqueles que se julgam amantes dela ou a defendem em seus escritos sem necessariamente demonstrar um compromisso moral mais profundo com a causa. A defesa da Natureza e dos animais não é um modismo, não é um campo de discussões científico-acadêmicas, mas um apelo profundo e silencioso de suas vítimas a todos os que querem ouvir e redefinir o que realmente significa sua relação com a Natureza. Esse apelo está no ouvido de certas pessoas desde a mais tenra infância. Quando elas crescem e entendem que o sofrimento do mundo não se projeta apenas na cultura das sociedades especificamente, mas também da cultura humana em geral, passam a viver uma vida de tormentos interiores, assombrados pelo constante sentimento de injustiça que acaba por transformá-los em ativistas de causas perdidas diante dos males incomensuráveis causados à Natureza.

O que pode ser feito em favor da Natureza e dos animais? Perguntei ao auditório em silêncio. No momento, acredito, não podemos continuar a ser cúmplices da extrema crueldade humana infligida aos não humanos. É vital rever nossa conduta diária ao nível individual para compreender bem mais nosso papel nesse relacionamento tão desigual. Estudos integrais sobre a mercantilização da Natureza, endossados pela filosofia e pelas religiões monoteístas devem ser amplamente revistos. Assim, entendo que a luta pela Natureza e pelos animais produzirá efeitos, como uma espécie de compensação tardia pelo mal causado a eles. Do contrário, andaremos em círculos, e nossos esforços em prol da causa serão meros esforços intelectuais que se formalizam por meio de simulacros que exemplificam nosso caráter

egocêntrico e satisfação pessoal. Nossa experiência acadêmica não garante essa revisão massiva de valores, pois continuamos prisioneiros do nosso mundo mesquinho de infindáveis conceitos e teorias que nos garante o contínuo avivamento do nosso próprio narcisismo e a imposição de nossa “superioridade” em relação aos demais seres da Natureza.

Apesar de falarmos em sustentabilidade como uma solução para minimizar o impacto da destruição da Natureza, muitos de nós consideramos os animais como uma espécie constrangedora, como já tive oportunidade de observar ao tentar combater o abandono de felinos no campus da universidade onde trabalhei por muitos anos. Ao buscar apoio para um trabalho conjunto entre alguns “colegas do meio ambiente”, para minha perplexidade, um “cientista da flora” não percebeu que o abandono de animais no campus é um problema humano, e não, animal. Naquele momento, ele me olhou com desdém e desprezo me disse que a presença dos gatos no campus ameaçava os pássaros. Assustada, mas não menos contundente, perguntei-lhe se a quantidade de carros que poluíam o meio ambiente do campus também não era uma ameaça à vida selvagem e se o lixo descartável perto dali não era apenas uma ação semelhante à prática de abandono de gatos, cachorros famintos e gatas grávidas que circulam pelo campus como exemplos do grande desequilíbrio ambiental causado pelos seres humanos. No mesmo campus, também vi macaquinhos sendo alimentados com pedaços de pizza deixados pela comunidade acadêmica e preguiças serem quase atropeladas não fosse a intervenção de algumas pessoas. Não é diferente na Califórnia. Notei o mesmo descaso com a Natureza. O trânsito pesado da Bay Area atinge os animais que saem das poucas matas que margeiam as estradas e morrem sob a violência do trânsito. As belas casas e cidades imersas em algum verde espaço antes eram densas florestas. “Coming back to the woods” é para mim uma tentativa nostálgica de “preservar a Natureza” em meio à expansão capitalista e predatória.

Enquanto isso, nossos sentidos são enganados pelos belos parques naturais e jardins criados por humanos para humanos. Tenho a foto de um gambá que “invadiu” o espaço doméstico de um jardim da casa de uma ilustre senhora em Berkeley e comeu a comida dos gatos. Isso foi interpretado como “artimanha do gambá”, e não, como a prova incontestável de sua fome e deslocamento causado pela invasão humana das áreas naturais. O gambá foi recolhido e levado, por mil dólares, para uma suposta reserva destinada à vida animal silvestre. Não sabemos se ele estava feliz ou se teve filhotes recém-nascidos. Ninguém mais sabia. Esses pequenos fatos imperceptíveis endossam os mais graves, como a devastação de

florestas inteiras. A Natureza é exterminada a todo momento pelo utilitarismo humano. Amamos verdadeiramente a Natureza? Em nenhum momento, você se pergunta sobre os efeitos dos deslocamentos diários não planejados e das tragédias na vida dos animais, das plantas e outros de seres não humanos. Em busca de um sentido que me desse uma noção satisfatória sobre nossa relação com a Natureza, outra lembrança dolorosa me ocorreu e me impactou profundamente após uma visita a uma mansão na cidade de Atlanta. A casa situa-se em uma floresta de pinheiros. Na verdade, toda a cidade está imersa em uma floresta viva. Um lago privado faz parte da charmosa casa e é apresentado com orgulho pelo dono da propriedade. Toda a área externa é cercada de uma beleza indescritível. Ao entrar na sala de estar, porém, deparei-me com uma cena chocante: as paredes da sala decoradas com corpos empalhados de cervos, trazidos de um safári, realizado pelos donos da casa na África. Estremeci com a perplexidade da cena. Os animais foram cortados ao meio. Seus olhos negros e atordoados repousaram inocentemente em um último vislumbre da floresta que serviu de lar, até que, um dia, um tiro surdo e certo antecipou suas breves vidas. Levei alguns minutos para recuperar meu interesse na adorável conversa dos proprietários da casa. Minhas observações sobre a Natureza externa da casa, em oposição à visão interna, desapareceram imediatamente. Perdi todo o ânimo. Não havia mais nada a ser elogiado naquela casa. Hoje, penso que o orgulho do dono em exterminar animais não é diferente da arrogância e da superioridade de qualquer ser humano sobre a existência animal. Quando lhe perguntei por que precisava viajar para outro continente para matar animais como aqueles, o respeitável e “gentil” caçador me garantiu que todos os animais mortos eram transformados em carne para o mercado. O orgulho de abater um animal inocente como aquele, no estado da Geórgia, é reafirmado e justificado pelo controle da população de veados cujo único mal, creio eu, é invadir os canteiros dos fabulosos jardins para comer as flores. O mesmo acontece com as jiboias e os crocodilos traficados da Amazônia e da África para a Flórida e abandonados por seus donos, que, cansados da diversão de transformá-los em animais de estimação, abandonam-nos nas clareiras e nos logradouros. Apanhados clandestinamente nas florestas tropicais, esses animais são mantidos em cativeiro, enquanto, de tempos em tempos, narram-se tragédias cometidas por essas vítimas da escravidão. Para mim, não há diferença entre os que matam e os que comem porcos, galinhas e peixes abatidos para consumo como carnes torturadas até a morte. Que crime e ameaça esses animais cometem? Invadimos seus espaços, destruimos suas florestas e mudamos a vida no planeta. Nós realmente amamos a Natureza?

A senhora que fotografou o gambá tirando leite de seus gatos pagou mil dólares por um serviço na cidade de Berkeley para se livrar da indesejada criatura. Os gatos domésticos, por outro lado, foram mais tolerantes, pois não faziam questão de dividir sua comida diariamente com o gambá faminto. Todas essas atitudes se complementam. Não há diferença entre o caçador, o traficante de animais silvestres e um pobre na Amazônia, que prepara armadilhas para traficar animais e destruir árvores para contrabandeá-las. São moralmente idênticos porque estão todos ancoradas no velho e violento utilitarismo. É indescritível o sofrimento causado aos animais e às árvores com essas infinitas ações. Amamos verdadeiramente a Natureza?

Suponho que a descrição desses genocídios de animais não pode ser descrita pela linguagem, pois o próprio ato é esvaziado de qualquer significado, sem que haja correlação entre significante e significado, como um lapso linguístico e, sobretudo, uma falácia moral concebida pela incapacidade do ser humano de compreender as dimensões dessa imensa tragédia que vemos impassíveis. Esse sentido está implícito quando o filósofo diz que "a palavra descrita não é a coisa em si". Assim, a concepção de sofrimento animal, através da tortura representada por experimentos com animais, é vista como uma imposição pungente e absurda à Natureza. Continuando sua palestra, Krishnamurti pergunta:

Por que o ser humano está procurando causas externas ao ambiente esperando por mudanças externas que possam transformar esse ser humano interior? Será porque o ser humano está tão ligado aos seus sentidos e dominado por suas demandas? Porque o ser humano vive inteiramente em um movimento de pensamento e conhecimento ou por que o ser humano (meu acréscimo) é tão romântico e sentimental que transformou suas ideias em intenções fingidas? (13).

As indagações continuam causando impacto na consciência de quem se diz suscetível ao problema. Como podemos entender, a crítica de Krishnamurti refere-se à nossa relação como uma relação disfarçada. Continuando sua palestra, ele pergunta: "Por que o ser humano busca causas externas esperando mudanças externas que possam transformar esse ser interior?" (13).

O questionamento continua a fim de causar um impacto na consciência dos mais sensíveis. Então, indagamos: como a crítica de Krishnamurti pode ser compreendida?. Entendemos que essa compreensão inclui tanto o ser humano em essência quanto a situação contemporânea da exploração dos mais pobres que trabalham na terra. Mediante essa

colocação, o pensamento de Krishnamurti tende à análise social dos seres humanos explorados, porém retorna às suas características mais filosóficas. Assim, para Krishnamurti, amar a Natureza significa, acima de tudo, nutrir compaixão por ela e aceitá-la como o cumprimento de uma lei, se assim posso dizer. Embora a compaixão pela Natureza possa ser considerada uma condição subjetiva, ela deve ser aceita como uma “lei”. Uma lei prática, válida para a vontade de todo ser racional. O pensamento de Krishnamurti e suas afirmações sobre nossa relação com a Natureza residem, sem dúvida, na necessidade veemente de uma revolução individual para depois se formalizar como uma revolução coletiva que deve realmente transformar a sociedade humana esgotada por práticas fracassadas e ideologias em nome de pontos de vista religiosos ou políticos. Para ele, compreender esse Outro que chamamos de Natureza é uma ação moral, um dever humano que deve ser encarado como um fator inerente à transformação individual.

Certamente, essa ideia é uma das maiores críticas contemporâneas à razão instrumental e à necessidade urgente de superá-la. Amar a Natureza, para Krishnamurti, é um imperativo. Para ele, a racionalidade humana conduz o ser humano à crueldade com a Natureza, animais e demais seres humanos, todos escravizados pela barbárie e pela violência cotidiana sob as quais se estabelecem as demandas da sociedade contemporânea. O estilo antidogmático e realista de Krishnamurti é autenticado por seu esforço em discutir sobre o sofrimento dos não humanos em função de sua relação com o humano. A compreensão dessa questão situa-se, de forma profundamente a-histórica, por meio de um estilo didático e acessível e que reitera a sua incansável tarefa de educador que desempenhou até o fim da sua vida. Em novembro de 1983, ele escreveu uma de suas cartas às escolas, dirigindo-se aos educadores:

Educadores, estejam cientes do que realmente está acontecendo no mundo. As pessoas estão divididas racialmente, religiosamente, politicamente e economicamente, e essa divisão é uma fragmentação que está causando um grande caos no mundo: guerras, todo tipo de corrupção política, e assim por diante.⁶

⁶ Educators, be aware of what is really happening in the world. People are divided racially, religiously, politically, economically, and this division is fragmentation. It is causing great chaos in the world: wars, all kinds of political fraud and so on (43)

O estado de caos e de violência incomensurável que aflige as sociedades é, para esse filósofo, uma condição imposta pelo próprio ser humano, cujos resultados são refletidos na Natureza e nos mais fracos da sociedade. No entanto, essa situação pode ser revertida, por meio de uma transformação individual e de um trabalho contínuo a ser operacionalizado por uma educação holística. Porém a fundação dessa sociedade depende da mudança individual de cada educador. Então, ele pergunta: o que é realmente a educação e o que ela proporciona? Ela, realmente, ajuda o ser humano e as crianças a se tornarem mais generosos? Ou está levando a humanidade a velhos padrões de feiúra e comportamento inaceitável na sociedade?⁷

O objetivo da educação holística, como uma proposta para transformar a sociedade, é de formar um ser humano bom, ou seja, um ser humano completo. “Um indivíduo que não seja fragmentado por dentro ou por fora”. Como parte desse processo, o “novo” educador deve ensinar aos alunos o mundo real em oposição ao que ele chama de mundo da imaginação romântica ou sentimentalismo. Ainda para o filósofo, um educador deve falar, não verbalmente, mas sentir o mundo, o mundo da Natureza e o mundo do ser inseparável da Natureza. “O homem não pode escapar disso. Quando destrói a Natureza, está destruindo a si mesmo. Quando mata outro, está matando a si mesmo. O inimigo não é o outro além de você. Viver em harmonia com a Natureza, com o mundo, naturalmente traz uma diferença para o mundo. Ambos estão intimamente relacionados⁸(43).

A partir desses pressupostos, pode-se compreender que a transformação humana também requer a transformação das práticas educativas que devem emergir por meio de uma educação holística. O objetivo da educação holística, como proposta de transformação da sociedade, é de produzir um ser humano bom, ou seja, um ser humano completo. “Um indivíduo que não está fragmentado por dentro nem por fora”.

Amamos realmente a Natureza? Respondendo a essa questão, tomando como base os ensinamentos de Khrisnamurti, acredito que o amor à Natureza só pode ser vivenciado e ensinado se nos transformarmos individualmente como seres, para que possamos empreender uma verdadeira revolução na sociedade. Logo, nossa experiência na terra deve ser utilizada para esses propósitos de forma que a totalidade da Natureza seja sentida, vivenciada e

⁷ what is education really and what does it provide? Is it really helping the human being and the children to become more generous? Or is it leading humanity to old patterns of ugliness and unacceptable behavior in society? (43)

⁸ Man cannot escape it. When he destroys nature, he is destroying itself. When he kills another, he's killing himself. The enemy is not the other besides you. Living in such harmony with nature, with the world, naturally brings a different world. Both are closely related” (43).

ensinada às futuras gerações. Essa é, para o filósofo, a revolução de que precisamos para transformar a sociedade e nossa relação com a Natureza. Uma revolução que comece dentro de cada ser humano e se torne um esforço coletivo. Que transformemos nossas experiências individuais em uma experiência coletiva baseada no exercício do amor e da compaixão ensinados por grandes mestres como Buda, Jesus e muitos outros.

Conclusão

Existem outras implicações relacionadas à pergunta: “Nós realmente amamos a Natureza?”, especialmente, quando ela é dirigida a um público ocidental. Tendo em conta as várias respostas que eventualmente possam emergir do seu contexto, algumas delas devem ser contextualizadas com a história da humanidade e séculos de acomodação cultural e aceitação do antropocentrismo. É importante lembrar que o antropocentrismo encontra-se marcado por experiências religiosas monoteístas e metafísicas. Essas motivações levaram o ser humano a definir sua relação com a Natureza. O pano de fundo cultural de Khrisnamurti definitivamente não elogiava o essencialismo ocidental nem seu apego à dualidade, que separou humanos e não humanos. Embora, nas entrelinhas de suas falas, percebamos sua sutil crítica ao descaso ocidental com a Natureza, também é possível considerar sua fala como uma crítica à humanidade em geral. Elas são, certamente, portas abertas voltadas para formas mais transcendentais de se pensar na Natureza. Pensar na Natureza perpassa o conceito de Deus e sua relação com a sacralidade da Natureza. Embora Khrisnamurti não tenha sobrevivido para se dedicar ao desenvolvimento do tema, seu pensamento sobre ele é essencial às discussões contemporâneas sobre a defesa da Natureza e de seus seres.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Ed. Zahar, 1999.

KHRISNAMURTI, Jiddu. **On nature and the environment**. New York. Harper Collings, 1999.

_____ **All marvelous earth**. Ojay, CA. Khrisnamurti Foundation of America, 2000

RODRIGUES, Javier Gomes. **Krhisnamurti's pedagogy**. Disponível em: www.kinformet.org, 1999. Acesso em: 15 de abr. 2023.